



MATERNIDADE E SEUS IMPACTOS NA COMUNIDADE UNIFESP

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

ADAMI; Luana Nayara Gallego¹, TASSINI; Susanny Cristini Vercellino², ANDERSEN; Monica Levy³

RESUMO

Introdução: A participação feminina no sistema educacional foi iniciada em meados do século XIX; porém, ainda de modo restrito, apenas meninas de alto poder aquisitivo conseguiam ter acesso às escolas (1,2). Desde então, a luta por espaço e por direitos têm sido meta de muitas mulheres, dentre elas: Nísia Floresta, Bertha Lutz, Patrícia Galvão, Sueli Carneiro, Lélia Gonzales, Núbia Moreira e Luiza Bairros, construindo pontes que, hoje, podemos continuar trilhando (3). Nesse cenário, destacamos a busca pelo conhecimento, pelo desenvolvimento pessoal e profissional que as mulheres almejam por meio da educação (4). Juntamente aos desafios, novas demandas foram surgindo naturalmente à ocupação do mercado de trabalho pelas mulheres, consequentemente as colocando frente às escolhas complexas, como o adiamento da maternidade (5). A sociedade exerce pressão sobre as mulheres para se obter uma carreira sólida, ocasionando a postergação da maternidade em detrimento de decisões femininas. Esse efeito é fortemente observado entre as docentes e pesquisadoras brasileiras, que para sobreviverem em um ambiente acadêmico extremamente competitivo e sexista, muitas vezes precisam guardar seus sonhos da maternidade enquanto lutam pelo financiamento de suas pesquisas (5,6). Quando há solidificação dessa situação, consegue-se distinguir as diferenças no planejamento de carreira entre homens e mulheres, influenciadas por aspectos da constituição familiar e o papel social e profissional (6-8). Hoje, compreende-se que é fundamental conhecer uma população específica de uma comunidade acadêmica para permitir o levantamento das especificidades e necessidades do coletivo. Com isso, torna-se possível a escuta, e a proposição e/ou elaboração de políticas que consigam proporcionar melhores condições de inclusão e permanência para mães dentro de uma carreira científica.

Objetivos: O projeto de extensão “Valorização da Mulher na Ciência” propôs um levantamento de dados a fim de conhecer, analisar, discutir e compreender o perfil das cientistas da comunidade da UNIFESP em seus diversos campi, suas percepções relacionadas aos impactos da maternidade, suas experiências relacionadas ao acolhimento, assim como suas demandas. **Métodos:** Por meio da aplicação do Questionário de Avaliação do Impacto da Maternidade e Maternagem na Carreira Acadêmica de Mulheres, analisamos dados de cientistas referentes ao planejamento de carreira, maternidade e maternagem. Os dados do questionário, aprovado pelo CEP/UNIFESP (n: 0653/2020), foram coletados entre o período de 23/09/2020 e 15/04/2021, totalizando 159 respostas. Esta foi uma análise preliminar realizada por meio de aplicação *online* via e-mail, grupos de mensagens e redes sociais do questionário com duração de aproximadamente 20 minutos. Os participantes tinham 18 anos ou mais e responderam de forma voluntária e anônima. As questões abordaram identidade, qualificação, impactos e acolhimento relacionados à maternidade e maternagem. Foi possível realizar uma análise descritiva do perfil biopsicossocial, e após o levantamento, a identificação dos desafios enfrentados durante a carreira acadêmica.

Resultados: Dentre as respostas válidas, houve no total 142 participantes, com idade média

¹ Escola Paulista de Medicina/UNIFESP, gtmcunifesp@gmail.com

² Escola Paulista de Medicina/UNIFESP, gtmcunifesp@gmail.com

³ Escola Paulista de Medicina/UNIFESP, gtmcunifesp@gmail.com

29,55±11,73 anos. A maioria da amostra compõe do campus São Paulo (55%), seguido por Diadema (17,61%), Guarulhos (12,68%), Baixada Santista (7,04%) e São José dos Campos (2,11%). Cerca de 33,8% das mulheres não tinham filhos, mas planejam ter; 30,28% são mães; 21,83% não querem ter filhos e 4,22% estão grávidas. Em relação à qualificação das mulheres com filhos, 11,26% estão cursando o Doutorado; 4,22% estão no Mestrado; 2,82% estão na Graduação realizando Iniciação Científica e 2,11% estão no Pós-doutorado. Em relação ao acolhimento, apenas uma participante que cursa o Doutorado relatou que teve acesso à estrutura no departamento, como fraldário; e as demais de outras qualificações não tiveram acesso ou porque não sabiam dessa estrutura ou por não existir. De forma similar, entre as pesquisadoras contratadas, 85,7% não tiveram acesso à estrutura por não existir, enquanto 14,3% disseram não saber da existência. Dentre as mestrandas, 16,6% delas se tornaram mães durante o curso e tiveram licença maternidade; enquanto as doutorandas que se tornaram mães durante sua pós-graduação, 62,5% obteve licença maternidade e uma delas precisou trancar o Doutorado. Entre as pesquisadoras contratadas, daquelas que tiveram filho(s) após a contratação 66,7% desfrutaram sua licença. Em relação aos impactos na carreira, entre as alunas de Iniciação Científica, 75% relataram atrasos para entrega de relatórios, 50% tiveram prejuízos em participação de eventos científicos e 25% apresentaram dificuldades com as demandas acadêmicas. Entre as mestrandas, 66% atrasaram entrega de relatórios e tiveram dificuldades na participação de eventos, enquanto dentre as doutorandas uma relatou ter perdido oportunidades por ser mãe, 60% tiveram dificuldade de participar de eventos e 18% atrasaram entrega de relatórios e/ou artigos. Metade das pesquisadoras contratadas precisaram paralisar alguma atividade/projeto que estavam desenvolvendo, 92% tiveram dificuldades de participar de eventos científicos, 28% atrasaram entrega de relatórios e prestação de contas enquanto 14% tiveram sua produtividade diminuída. Ao analisar gestantes no momento da pesquisa, enquanto 83% delas não pretendiam paralisar/trancar suas atividades, a mesma porcentagem acreditava que as atividades acadêmicas influenciariam na maternidade, e 33% delas acreditavam que a maternidade traria um impacto negativo em sua produção acadêmica. A análise da carreira apontou que as mães relataram acreditar que o impacto da maternidade é bastante negativo: para 13% das doutorandas, negativo para 66% das mestrandas e positivo para apenas uma das alunas de Iniciação Científica.

Conclusões: A partir dos resultados parciais, a maternidade e maternagem parecem gerar impacto significativo na carreira tanto no seu pleno desenvolvimento quanto em questões relacionadas a produtividade e o acolhimento da instituição. No que diz respeito à infraestrutura, ainda não é satisfatório para a maioria das mulheres o conhecimento ou acesso a infraestruturas (ex. fraldários ou sala de amamentação), enquanto o direito da licença maternidade não parece vigorar da maneira plena como deveria ser.

Referências Bibliográficas

1. Rosemberg F. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. Rev Estud Fem. 2001;9:515-40.
2. Ramos GS. Leitura feminista da história das mulheres no Brasil. Rev Estud Fem. dezembro de 2013;21:1232-5.
3. EXTRAORDINÁRIAS - Duda Porto de Souza e Aryane Cararo - Grupo Companhia das Letras [Internet]. [citado 9 de novembro de 2021]. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=55149>
4. Instituto do Sono - Dona Ciência - edição 6 [Internet]. [citado 9 de novembro de 2021]. Disponível em: <https://institutosono.com/dona-ciencia-edicao-6/>
5. Santos Machado L, Perlin M, Colla Soletti R, Kmetzch Rosa e Silva L, Doerderlein Schwartz IV, Seixas A, et al. Parent in Science: The Impact of Parenthood on the Scientific Career in Brazil. In:

¹ Escola Paulista de Medicina/UNIFESP, gtmcunifesp@gmail.com

² Escola Paulista de Medicina/UNIFESP, gtmcunifesp@gmail.com

³ Escola Paulista de Medicina/UNIFESP, gtmcunifesp@gmail.com

6. “Teto de vidro” na ciência: apenas 25% na categoria mais alta do CNPq são mulheres [Internet]. Gênero e Número. 2017 [citado 9 de novembro de 2021]. Disponível em: <https://www.generationnumero.media/2mulheres-representam-metade-da-producao-cientifica-no-brasil-mas-sao-apenas-25-em-categoria-mais-alta-do-cnpq/>
7. Staniscuaski F, Reichert F, Werneck FP, de Oliveira L, Mello-Carpes PB, Soletti RC, et al. Impact of COVID-19 on academic mothers. Science. 15 de maio de 2020;368(6492):724-724.
8. Por que ter filhos prejudica mulheres e favorece pais no mercado de trabalho? [Internet]. Insper: Ensino Superior em Negócios, Direito e Engenharia. [citado 9 de novembro de 2021]. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/por-que-ter-filhos-prejudica-mulheres-e-favorece-pais-no-mercado-de-trabalho/>

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade, Maternagem, Ciência, Gênero, Carreira

¹ Escola Paulista de Medicina/UNIFESP, gtmcunifesp@gmail.com

² Escola Paulista de Medicina/UNIFESP, gtmcunifesp@gmail.com

³ Escola Paulista de Medicina/UNIFESP, gtmcunifesp@gmail.com